

A CESTA DO CHAPINHA

Semanas atrás, o time de basquete masculino de Franca conquistou seu 17º título paulista ao longo dos mais de 60 anos ininterruptos que disputa, desde os tempos do Clube dos Bagres, como ainda chamo o time até hoje, já que vive mudando de nome por conta de patrocinadores. Fui aluno de “ginástica” no IETC do lendário professor Pedro Morilla Fuentes durante alguns anos da década de 1960, quando aprendi os rudimentos do basquete e comecei a torcer pelo time local. Frequentei o Clube dos Bagres em seus áureos tempos, assisti jogos inesquecíveis e até cheguei a treinar em brincadeiras com amigos algumas vezes naquela quadra mágica, como autêntico perna de pau. Nascer na “capital do basquete” não é garantia de ser bom de cesta, posso provar.

Essas coisas vieram à memória por conta de assistir aos jogos finais do campeonato paulista, quando Franca enfrentou o bravo time de Mogi das Cruzes, a cidade onde vivi e estudei arquitetura no início da década de 1970. De vez em quando converso com o Guerrinha, atual diretor técnico do Mogi, que é francano e foi casado com uma prima da Atalie, foi um craque do nosso time durante muitos anos, jogou na seleção brasileira e depois fez uma vitoriosa carreira como técnico em muitos clubes, como o próprio Mogi e Bauru. Foi ele que me disse que o Mogi tinha como apoiador a Universidade Braz Cubas, onde me formei.

No jogo final, vi que a logomarca da Braz Cubas estava na camiseta do time que jogou no “Pedrocão”, o principal ginásio de basquete da Franca do Imperador. Coincidência, a Braz Cubas foi adquirida pelo mesmo grupo educacional que assumiu a Universidade de Franca. As jogadas acrobáticas do time francano no jogo final me lembraram uma outra cesta decisiva que assisti, ainda estudante.

Havia um colega nosso na faculdade chamado Ricardo, um baixinho conhecido como Chapinha, falecido recentemente. Era de São Paulo e viajava diariamente a Mogi durante o curso, era o sujeito que animava o trem dos estudantes com suas tiradas, piadas e brincadeiras, todo mundo o conhecia. Puxava o coro dos sambas, chavecava (pra usar o termo da época) todas as meninas do vagão, era o verdadeiro arroz de festa, a alegria do trem de subúrbio da Central do Brasil que éramos obrigados a utilizar. Não era muito chegado a estudar, preferia a bagunça, onde era o campeão.

No último ano do curso, já bem no final, surgiu uma disputa esportiva entre as duas universidades mogianas, a Braz Cubas versus a Universidade de Mogi das Cruzes – UMC. A turma da arquitetura da Braz Cubas não era muito interessada em esportes, preferia artes, bebidas e outras coisas, algumas proibidas. Os caras da UMC, muitos da engenharia, eram mais caretas, no fim programaram um jogo de basquete entre Arquitetura da Braz Cubas x Engenharia da UMC. O jogo foi marcado para uma noite num pequeno ginásio que existia no bairro Mogilar. Alguém disse que eu era de Franca, queriam me colocar no time apenas por ser de Franca, saber as regras do jogo e que a bola era laranja, mas não foi preciso entrar, fiquei de fora assistindo. Na hora do jogo, torcidas a postos, entra o time da UMC, uns baita caras grandes e fortes, o nosso time só tinha um cara alto, um calouro, o restante só baixinhos. Ma a gente tinha o Chapinha.

Foi um massacre, a bola não saía do nosso garrafão, era uma cesta da UMC atrás da outra, um vexame. Até que o Chapinha, como fez o Guerrinha naquele inesquecível jogo da seleção brasileira contra o Canadá em Seul, chutou do meio da quadra e a bola caiu sem sequer tocar na redinha. Foi arrasador, catártico, nossa torcida invadiu a quadra para carregar o Chapinha, mesmo que o placar estivesse uns 50 pontos a mais para a UMC. Como a seleção brasileira na Copa de 1978, fomos “campeões morais.”

Mauro Ferreira é arquiteto